

**Pax Romana ou Consciência e Cuidado**

Giuliano Thomazini Casagrande (UNIMEP)

Orientador: Márcio Danelon

“(...) o peixe é quem menos sabe da água”<sup>1</sup>

Neste texto, extrairemos conseqüências éticas de pensamentos em torno da consciência reflexiva, mostrando que esta, em última instância, é idêntica ao *cuidado*.

*Podem ventos tão bons serem sentidos sem que sejam lembrados por isso?*

Nietzsche, aquele que ensinara a querer o não-querido como um retorno do mesmo, exalta nas obras da romanidade o sereno arrojamento que tem como escopo a eternidade, mas que se dá a partir da afirmação de seu tempo, ao qual se une: “Pois os romanos eram os fortes e nobres, como jamais existiram mais fortes e nobres, e nem foram sonhados sequer: cada vestígio, cada inscrição deles encanta, se apenas se percebe *o que* escreve aquilo”<sup>2</sup> O Marquês de Sade não fala dos romanos de maneira muito diferente<sup>3</sup> O que há de grandioso nos feitos do espírito romano é seu temerário voltar-se sobre si mesmo e seu desdobrar, sem esperar nenhuma justificação por parte do passado ou do porvir, mas atingindo sua consumação em seu *agora*. A morte de milhares de gladiadores ou feras num só dia, nos espetáculos realizados nos anfiteatros, que no caso das caçadas levaram à extinção dos leões da Mesopotâmia: isso é romano por excelência<sup>4</sup> João, no “Apocalipse”, quando fala do velho mundo corrompido que se vai e é substituído por um novo, no fundo refere-se ao ocaso do mundo romano, ou seja, da totalidade do mundo de sua época, que desmoronava. A queda do Império Romano não representa seu fim, porquanto dera tudo de si que sua glória permitira, e atingira o máximo enquanto durara, contra o que o declínio nada significa. Para quem intencionasse restaurar as glórias do passado, seus vestígios não passariam de entulho sem importância. A história só pode servir de refúgio para os incapazes.

Nada exprime melhor uma existência malograda que o *querer-ser*, quando não se é. As coisas mais perfeitas surgem de inesperado, como um raio. Considerar-se-iam maus autores os que, *procurando* fazer de

determinada maneira, fizessem passar por outra uma matriz diversa ou já deficiente — as melhores produções nascem de uma vez só. À objeção de que os grandes artistas retocam, responde-se: sua obra aparece acabada já na idealização; todo o resto é consequência direta (a estátua de Michelangelo contida no bloco de mármore antes de ser esculpida). Na trilogia, cuja composição tivesse em vista a estrutura triádica, primeiramente tentando conferir algo de sublime à obra, o fazer se exauriria no próprio fazer. Tal procedimento é um condenável “hysteron próteron”. Assim, é em tal categoria que devemos colocar o falar afetado do pedante, que, segundo nossa investigação, figura como produto de um empenho do cuidado e, por conseguinte, do máximo de consciência, atingindo em determinados casos um nível doentio. Se, num ato, o cuidado é o oposto da naturalidade, resulta que a consciência é a inimiga da *pureza*, conspurcando tudo o que toca. A consciência age sobre aquilo que objetiva da mesma maneira que o raio de luz impressiona o filme fotográfico virgem no interior da câmara escura, alterando imediatamente e para sempre sua composição química. A consciência é, em sua essência, *corruptora*.

*Descuidado* é o momento não-reflexivo que toda reflexão possui, justamente o momento da veracidade, da *entrega total* e sem reservas a si mesmo, que escapa à auto-reflexão e a seu cuidado por ser a própria reflexão. Nenhuma reflexão se reflexiona a si mesma (o olho não pode se ver a si mesmo). Isso significa que até o cuidado é, sob certo aspecto, descuidado, pois não pode ser cuidado de si mesmo. O olho que se vê *descuida* do vedor. O descuido que habita a reflexão é o mesmo que se encontra na irreflexão original; só há uma mudança de nível, posto que a reflexão, que é cuidado, não consegue nunca dissipá-lo.

Descuidada é a afirmação do devir, mediante a abertura a sua espontaneidade essencial. E afirmação do devir é afirmação incondicional do nascimento e da morte, da criação e da destruição. O cuidado, justamente por *preservar*, opõe-se ao perecimento inerente ao devir, pondo as coisas a salvo da ação do tempo. Nada mais oposto ao devir que a conservação de ruínas, através de sua colocação em círculos isolados do processo global. Só o cuidado luta contra a extinção da chama.

O “index veri” de uma coisa ou ato é a propriedade de embeber-se somente de sua *imediatez*, e não se ver a si mesmo do lado de fora, o que elimina todo e qualquer olhar de través que lhe projete a menor sombra de dúvida — e com isso o querer-ser. Percebe-se aqui a distância abissal que estabelece a diferença entre o verdadeiro e o falso, submetendo à prova do

ouro os guerreiros de ouropel e colecionadores de cicatrizes e medalhas, que ao invés de leões, no fundo não passam de carneiros que querem ser poupados<sup>5</sup> “Em algum lugar ainda passeiam leões,/ que, em seu vigor, *desconhecem* a impotência”<sup>6</sup> [grifo meu], diz o poema de Rilke.

Mais vale à vela o fugaz, porém excessivo brilho, que a subsistência minguada; no entanto, tal subsistir é o máximo enquanto mínimo. No horizonte da experiência temporal radica-se a “irrevogabilidade do momento” presente na teoria leibniziana da unidade na multiplicidade. Leibniz assim a concebe:

Suponhamos, por exemplo, que alguém faça um dado número de pontos sobre o papel inteiramente ao acaso (...). Digo que é possível encontrar uma linha geométrica cuja noção seja constante e uniforme segundo uma certa regra, de maneira que esta linha passe por todos os pontos e na mesma ordem em que a mão os havia marcado.

E se alguém traçasse duma só vez uma linha que seria quer reta, quer círculo, quer doutra natureza, é possível encontrar uma noção ou regra ou equação comum a todos os pontos dessa linha, em virtude da qual essas mesmas mudanças devem acontecer. E não há, por exemplo, nenhum rosto cujo contorno não faça parte duma linha geométrica e não possa ser traçada duma assentada por um certo movimento regulado. Mas quando uma regra é muito composta, o que lhe é conforme passa por irregular<sup>7</sup>

Vive-se para frente, pois o já-vivido, o passado, foi um viver-para-frente em seu tempo, ou seja, todas as coisas preencheram o “plenum” em seu momento, do mesmo modo que sua rememoração no presente ocupa a totalidade do momento; as promessas não dizem respeito ao futuro, mas ao presente.

A essência do pensamento em seu processo, que se identifica com o devir, extrai da fórmula, segundo a qual a constante do devir é o próprio devir, sua rejeição aos seus momentos que se lhe afiguram estranhos. Sua fluência é traída pelas cristalizações que ocorrem em seu seio e não lhe pagam tributos. No entanto, um processo maior pode abrigar um momento cristalizado em seu interior, desde que este preste contas sobre sua

cristalização, fazendo-se integrar em uma totalidade que reconhece sua pretensão de autonomia, que é só relativa; um “império em um império” o é enquanto não se afirma como império, e não o é enquanto se afirma como império. O querer-ser é em virtude de seu modo de ser próprio, que é o do querer-ser.

Falar negativamente (e interiormente) da negatividade da negação pode, apesar de tudo, pressupor uma continuidade positiva *exterior*, uma vez que exteriormente a negação é *afirmação* de si mesma como negação, mas a negação nesse âmbito da supra-esfera é precisamente o *vazio*. Nega-se o próprio chão em que se pisa para negá-lo. Ao ser cabalmente negado, o Deus nietzscheano pressupõe um novo Deus — para ocupar o lugar vago que deixa — que, por estar além de todos os atributos de um Deus existente hoje, mais que com uma leve lembrança do Deus de Espinosa, se identifica com o vazio.

A queda do paraíso reside no nascimento da consciência do próprio paraíso perdido. De dentro do paraíso a vida é inconsciente de si própria enquanto tal, pois para se ter consciência do paraíso é preciso sair dele, do mesmo modo que, como diz Nietzsche, “Somente depois de teres deixado a cidade verás a que altura suas torres se elevam acima das casas”<sup>8</sup> Este é o sentido profundo da frase de Proust: “os verdadeiros paraísos são os que perdemos”<sup>9</sup> Um paraíso só é paraíso *para* um sujeito quando este abandona irremediavelmente a imanência do primeiro, caindo em desgraça. Consciência e interioridade são dois termos inconciliáveis; a condição do conhecimento é o distanciamento, é a exteriorização. Objetivar é, portanto, renunciar à *participação*. A separação é o preço do conhecimento. O sujeito tem que ser diferente do objeto para poder conhecê-lo, pois a relação entre o cognoscente e o conhecido seria impossível se fosse imediata, ou seja, se os dois pólos se fundissem numa unidade idêntica a si mesma.

Assim, o exame das relações intrínsecas entre a consciência reflexiva e a dimensão do cuidado permite-nos afirmar que a suprema felicidade reside no *esquecimento de si*.

### Bibliografia

- CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do império*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. 8ª ed. Curitiba: Criar, 1986.

- LEIBNIZ, Gottfried W. *Obras escolhidas*. Trad.: António Borges Coelho. Lisboa: Livros Horizonte, [s.d.].
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho. 3ª ed. São Paulo: Abril, 1983.
- . *Assim falou Zaratustra*. Trad.: Mário da Silva. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- . *Genealogia da moral*. Trad.: Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad.: Lúcia Miguel Pereira. 13ª ed. São Paulo: Globo, 1998.
- RILKE, Rainer M. *Sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1989.
- SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova*. Trad.: Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 1999.

## NOTAS

- 
- <sup>1</sup> GOMES, *Crítica da razão tupiniquim*, p. 18.
- <sup>2</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, p. 44.
- <sup>3</sup> SADE, *A filosofia na alcova*, p. 166.
- <sup>4</sup> Cf. CARCOPINO, *Roma no apogeu do império*, pp. 272-287.
- <sup>5</sup> Cf. NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, pp. 247-251.
- <sup>6</sup> RILKE, *Sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno*, p. 157.
- <sup>7</sup> LEIBNIZ, *Obras escolhidas*, p. 42-43.
- <sup>8</sup> NIETZSCHE, *Obras incompletas*, p. 150.
- <sup>9</sup> PROUST, *O tempo redescoberto*, p. 152.